

## Um Partido inolvidável

Por César Munhiz

Estas festas de Natal, como fago todos os anos, deixei a minha rotineira vida de advogado em Madri, sempre tratando assuntos de clientes que pola sua natureza acabam-me parecendo bastante semelhantes uns aos outros, para vir passar uns dias com familiares e amigos na terra que amo por cima de todas as muitas terras que amo, o Berzo.

Dim as minhas habituais caminhadas polos carreiros do concelho de Oência nativo, subindo sempre firme cara os montes mágicos do Courel. Ventilamos a velha casa petrúcia agora absolutamente valeira na maior parte do ano, tentando tirar-lhe o cheiro a balor que se tem apoderado dela, e sentindo no corpo as sensações de tempos, acho agora que mui felizes, idos, e a lembrança de todas as animas de corpo presente que daquela enchiam os espaços do lar, e que hoje ecoam em silêncio. Saudei a velhos amigos da infância, aqui e alo, como o Pepe, quem me queria convencer de irmos o 1 de Janeiro de caçada a Toledo, insistia, assim aproveitamos o último dia que se pode, recordando tempos já longe, em que os dous andávamos aos páxaros e coelhos. Saudei aqui e acolá a velhos conhecidos, e desfrutei observando a lene presença da minha mulher, os seus comentários e precissões que depois de 41 anos de matrimónio segue surpreendendo-me. Visitamos os nossos pais deixando umas flores no cemitério, já que nom cumpríramos co rito o 1 de Novembro; e aproveitando que os dela estam no seu Cacabelos natal, nom pudemos deixar de saudar ao nosso querido Fernandez Morales, (quando será que ele tenha um dia das letras galegas).

A nossa filha mais nova queixara-se de que nom estava bem acomodada na casa petrucial, e acabamos indo a sua vivenda em Cacabelos, com muito gosto preparada, onde mora co seu marido e a minha netinha de três anos. Nom é por nada, nem é simples orgulho de pai, eles som uma verdadeira família de Ceives.

A Filha mais velha mora em Salamanca onde é professora e foi passar o 24 e 25 cos seus sogros a Fermoselle, no coração dos Arribes. O 26 Chegou ao Berzo e instalou-se na velha casa petrucial e eu por fim podem desfrutar desses meus dous netos já pre-adolescentes, no que ha muito que trabalhar para tirar-lhes do corpo esse feitio castelhano que se lhes anda pondo.

Caminhei e de carro tamém, com eles de aqui para acolá fazendo-lhes conhecer a nossa terra, inculindo-lhes o amor pola Galiza da que somos parte, ainda que administrativamente os castelhano-espanhóis andem dizendo que nom, contando-lhes histórias maravilhosas.

Degustei um copo de mencia no galeguíssimo bar da Maria em Vilafranca, perguntei polo Xavier, o entusiasta presidente de Fala Ceive, polos olhos chispantes da Sílvia, polo Igor e a Noélia, e olha por onde, enteirei-me que estavam já fora de contas aguardando mais família; polo para mim mui caro Gaspar Méndez, trabalhador incansável original e entusiasta polo Berzo galeguíssimo, com o que velhas discussões tidas com ele, pouco a pouco ainda me levaram a apreciá-lo mais, até na sua franca rudeza. No Alberte Bautista descobrim que se está a fazer um verdadeiro sábio. Peço desculpas a todos os amigos, ceives e nom ceives, cos que estes dias falei e saudei e que nom cito, mas eles sabem que estam no meu coração e na minha mente.

Levei os netos aos Ancares, e por todo lado achei mais amigos. Fiquei em visitar na primeira ocasião ao nosso académico Heitor Silvério, e saudar a toda a sua família, ela que é um exemplo para todos os do Berzo de fala galega.

Descobrimos que se fundou a Associação Xarmenta, com parecidos fins de Fala Ceive, do que muito me alegrei, de que abrolhem muitas flores no campo do galeguismo berziano, e que todos saibam colaborar e ajudar-se aproveitando sinergias, sem esquecerem os nichos que a sua especialização faz mais pertinentes.

Sentim pena da deriva na que caiu o Partido del Bierzo, totalmente desorientado, e a vez felicidade, ao ver que sob as águas superficialmente tranquilas ferve um verdadeiro cúmulo de alternativas.

Graças a Internet, estando em Madri, tirara oito entradas, para a partida de futebol da equipa nacional da Galiza, o que eram para mim um pequeno tesouro, para vermos a selecção de futebol da Galiza a celebrar em Compostela o 29 de Dezembro, um espectáculo que acho vai ser memorável.

Os dias iam todos frios e chuvinhentos, os mais frios deveriam ser o 27 e 28; o 29 começou bastante melhor, porém ao longo do dia foi piorando. Fui comer coa minha costela a casa do meu bom amigo Luís, a Molina-Seca, ao irmos do jantar na casa de Luís, Rosa lembrou-me que com ela não contara, pois pouco a conhecia se tirara a sua entrada, seguim a busca da filha mais velha, genro e netos, topei-me que ela não tinha ganas de ir passar frio, que em Compostela havia estar chovendo a mares, e rapidamente convenceu a sua irmã mais nova. Assim que a expedição infelizmente foi só de homens. Dous netos, dous genros e eu, e ainda me sobravam três entradas e eram as 5:50 da tarde, porém havia a vantagem de chegarmos cum só carro.

Não muito mais tarde da seis partíamos de Cacabelos para Santiago, antes das seis e meia paramos-nos um momento em Sárria a fazer uma brevíssima visita a quem foi comigo durante tempo companheiro de fadigas advocaciais e hoje está na sua Sárria já reformado, e coa esperança de si se interessar pelas três entradas que levávamos.

Entretivemo-nos mais do que quitéramos, falando do que tanto gostamos, a nossa história, mentres a sua dona agarravam-nos cuns deliciosos petiscos, e isso que eu jantara como um bispo; lembramos que em Sárria faleceu o grande rei Afonso VIII, o que mandou ajeitar bem o mosteiro de Carracedelo, o que está como outros grandes reis da Galiza soterrado em Compostela, mas com o cuidado de que ninguém realmente o saiba, e de como o incumprimento do seu testamento acabou por jungir a Galiza ao carro de Castela, para a nossa desgraça histórica, mentres outra parte da Galiza, Portugal, desjungida levou a nossa língua por todos os mares. Depois da grata conversa, a sua saúde e falta de ânimo impediu que nos acompanhasse.

Passavam bem das sete quando saímos cara Compostela como balas. Colhemos em Teixeira a estrada de Compostela, e às 8:45 saímos da auto-estrada que vai ao aeroporto para essa circunvalação que tem Santiago e que te leva ao estádio de Sam Lázaro. Nesse momento batemos contra o impressionante engarrafamento; como nós, muitos outros milheiros chegavam a essa hora para a partida. Começou-nos a entrar a angústia de chegarmos. Aquilo era terrível, a medida que avançávamos víamos carros já deixados nos mais diversos lugares, mandei ao Francisco tirar cara o Monte do Gozo e

ali longe do estádio, arrumamos contra umas silvas o carro. Caia essa poalha compostelã ainda que a temperatura era excelente e nós íamos a fume de caroço cara o estádio. Passava-mos diante dum grande hotel, quando soava o hino; como me doeu nom poder estar dentro acompanhando as estrofes. Quando escuito o Hino, sempre lembro, a minha chegada ao galeguismo.

Nos anos sessenta eu fora estudar a Salamanca, e alo uns galegos incutiram a semente de galeguista neste bom berziano, foi assim como por acaso, acho que foi sem eles fazer verdadeira vontade. Nos anos 70 em Madri, conhecim no rastro madrilenho, a dous estudantes da agrupaçom Lóstrego e convidaram-me a uma conferência num colégio maior de Madri, o San Juan Bautista, e ali escutei o Hino, em realidade foi a primeira vez que o escutei, e foi algo tam emocionante que ademais contrastou co conteúdo da conferência que resultara realmente aborrida e triste, por muitas vezes que o tenha escuitado depois, nunca esqueço a emoçom que sentim naquele momento.

Hoje pensava que a do estádio ia borrar aquele flash na minha alma, mas nom foi. Eis-nos ao trote polos arredores, com netos e genros a aguardar por mim.

Na carreira tiro as entradas do peto, e bronca da parentela, *fundo norte, que pensavas ao colhe-las, querias aforrar dous euros*. Estavam já todas as portas sem gente, encaminham-nos para a nossa e oh céus, uma bicha incrível na porta quatro, ali estamos nós arrodeados de moços e moças enfeitados coas cores nacionais. De pronto achegaram-se-nos uns perguntando onde se compravam as entradas, tirei do peto as três que me sobravam, e dim-lhas, e sentim como os figem felizes.

Um porteiro chama-nos com acenos, e assim podemos entrar por outra porta. No estádio nom colhia um alfinete, numas escadas colocamo-nos como pudemos. Havia uma névoa que quase nom deixava olhar a outra porta, a de Uruguai, que parecia estar longe imensamente longe de nós, e quando começamos a assentarmo-nos no campo, arrodeados de gorjas entusiastas, Uruguai parecia pôr cerco a nossa baliza. A partir de aí a selecçom galega reagiu e passou a ser a senhora absoluta do campo, com um jogo precioso e bem travado, parecia-me impossível que aquela equipa magnífica nom levara muitos anos jogando junta; penso que fariam um excelente papel na Alemanha, com as outras selecções lusófonas: Portugal, Brasil, Angola e a Galiza, isso sim que era maravilha. De seguida veu um gole, e logo outro que anulou o árbitro, desde a minha posiçom era impossível saber se fora de jogo, ou nom. No fundo sul leia-se com grandes letras «umha naçom, umha selecçom», e de pronto ergueram ali uma bandeira de dimensões gigantescas que pairou sobre todas as cabeças do fundo sul, como diabos se organizaram para estende-la, o milagre, e assim várias vezes. As cantigas nom pararam um minuto, os meus netos tamém berravam, de pronto no estádio berrava-se <independência> a cara de um dos meus genros era um poema, nom entendia essa radicalidade, eu polo baixo dizia-lhe, tes que entender, que toda naçom, estado quer, se nom quer e que nom é naçom, e isso nom é pensamento meu, caro, e do conservador Eugênio D'Ors que bem explicava que o nacionalista que nom pense no seu país independente no fundo do seu coração, nom é que nom seja nacionalista, e que o é de quem nega a condiçom de naçom ao seu país.

A Mim o sorriso e alegria nom se me tirou em todo a partida dos beiços, nem sequer quando tivem que suportar uma imensidom para ir ao asseio, ou renunciar a um copo de cerveja pola impossibilidade de chegar a ele.

Os meus netos estavam já enfaixados com papeis, bandeiras de plástico e entusiasmo, tirei fotos que vam ser históricas.

O segundo tempo foi sensacional; que tiro vinha como um foguete para a porta do Uruguai e bateu num poste, que dous goles de belíssima factura olhamos; a onda percorria o estádio incansável, os berros eram incansáveis. O jogo da nossa equipa nacional, a da Galiza, extraordinário. No último quarto de hora o estádio estava todo ele relaxado na alegria que embargava ao público e aos jogadores, a selecçom até deixou de pôr interesse no jogo e uns uruguaios afundidos pudérom marcar dous goles. Eu Estava ao final feliz realmente feliz.

Sáimos, quanta gente, deveu-se bater o recorde de assistência nesse estádio, nom colhia nada mais. Soava ante o paço de congressos a música dum concerto que ali ia ter lugar. Nom sem trabalho fumos até o carro e com ele trasladamo-nos cara o centro, metemo-lo num aparcadoiro e passeamos pola ruas de Compostela; a poalha seguia caindo as vezes com mais intensidade, porém sentiamo-nos extraordinários e felizes, picamos aqui e acolá mentres fazia de cicerone dos netos e genros e lhes contava histórias. Compostela ainda que muito distinta de Salamanca a mim nalguma das suas ruas, no ambiente, lembra-me nom pouco a minha Salamanca estudantil. Nom parei de falar-lhes de instrui-los de pôr no lugar que corresponde a nossa capital, a de todos os berzianos. Eu era o que menos presa tinha por voltar ao calor do lar, estava hoje, e com aquela partida em Compostela, noutro mundo.

A 1:20 colhia-mos o carro, os netos estavam derreados, o home da minha filha mais velha conduzia, eu ia atras cos netos que quase imediatamente ficaram dormidos, mentres nos alongávamos de Compostela uma bágua furtiva bailava nos meus olhos e eu naquela noite escura olhava o céu cheio de estrelas, como nunca.